

# **I Bienal do Centro do Mundo: O catálogo como permanência de uma ocupação**

**I Biennial of the Center of the World:  
The catalog as permanence of an occupation**

COLETIVO DODO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

## **RESUMO**

O ensaio a seguir é um convite à ocupar o olhar através do catálogo da ocupação expositiva “I Bienal do Centro do Mundo”, realizada no dia 7 de dezembro de 2019 na cidade de Campo Grande/MS. As fotografias são fragmentos de uma narrativa que busca revisitar uma ação realizada por um coletivo de artistas em um espaço abandonado no centro da cidade. O acontecimento motivou a criação de uma produção gráfica - um catálogo de ocupação - cujo objetivo é expandir o movimento de vivência do espaço abandonado, por meio de um olhar que ocupa e se ocupa de uma narrativa. Ao final deste ensaio é possível ter acesso aos percursos de criação do catálogo, assim como ao arquivo completo para download.

## **PALAVRAS-CHAVE**

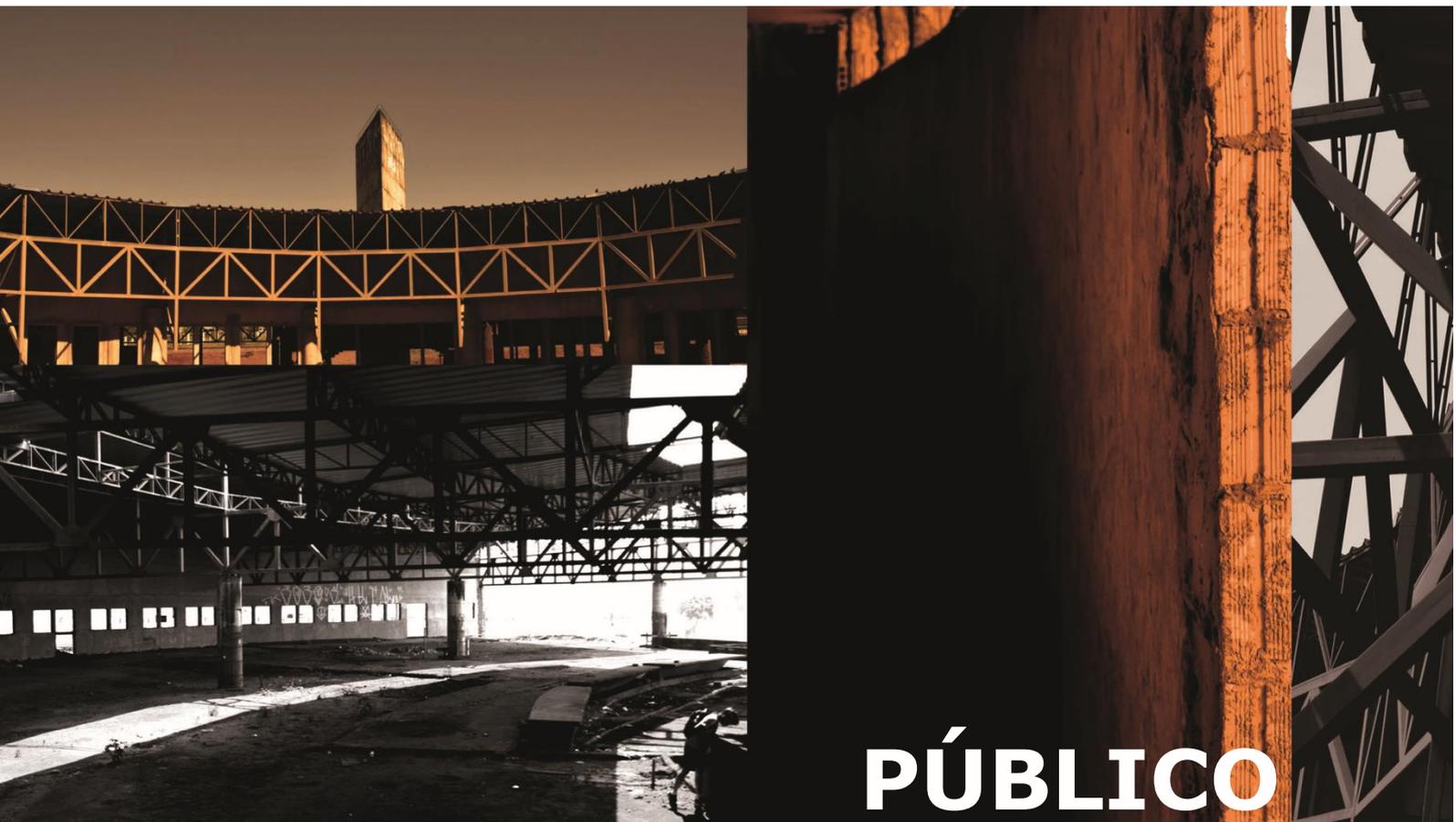
Catálogo, registros, arte pública, ocupação expositiva, Campo Grande.

## **ABSTRACT**

The following essay is an invitation to the occupation of the gaze through the occupation catalog “I Bienal do Centro do Mundo” held on December 7, 2019 in the city of Campo Grande/MS. The photographs are fragments of a narrative that seeks to revisit an action carried out by a collective of artists in an abandoned space in the city center. The event motivated the creation of a graphic production - an occupation catalog - whose objective is to expand the movement of experiencing the abandoned space, through a look that occupies and occupies itself with a narrative. At the end of this essay, it is possible to have access to the paths of creation of the catalog, as well as full access to the archive to download.

## **KEYWORDS**

Catalog, records, public art, exhibition occupation, Campo Grande

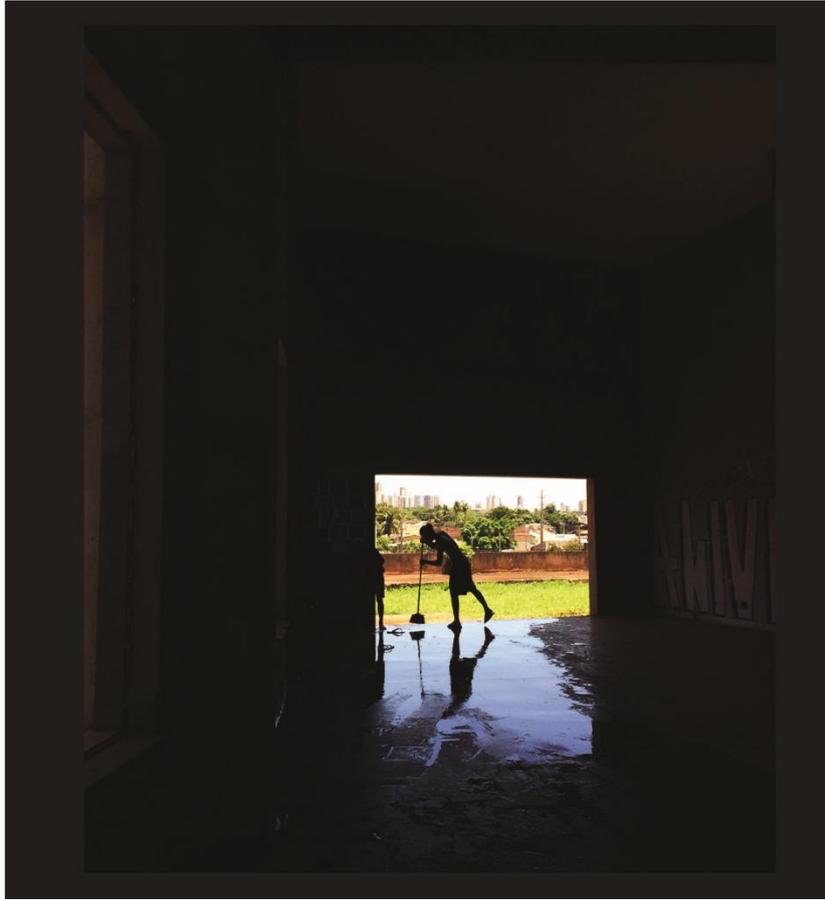


# PÚBLICO

## ADJETIVO

1. relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade.
2. relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade etc.





Dos espaços abandonados, das ruínas esquecidas e agora lembradas,  
do dinheiro público corroído pelas traças.

Reivindicamos olhares para o descaso.

Através da arte trazemos para que seja contemplado e visto o horror,  
o desalento e o abandono não piedoso daquilo que deveria ser nosso  
lugar, daquilo que deveria fazer parte dos nossos encontros e ser  
meio para o movimento cultural de nossa cidade.

No dia 7 de Dezembro montaremos esse grande elefante branco,  
faremos ele dançar e ter vida como nunca antes.

Ocuparemos suas entranhas e cada canto pulsará arte, pois é lá que  
ela deveria e deve estar.

O Centro Municipal de Belas Artes recebe a I Bienal do Centro do Mundo,  
e nós, e vocês e todos estaremos juntos nessa jornada artística  
e política.

Vamos ocupar o que é nosso por direito!

## #DODOcupe<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Manifesto #DODOcupe, publicado com o objetivo de convidar artistas e moradores de Campo Grande para o ato da ocupação.





Lucas Nakazato, Lambe-lambes.















Gabriel Martins. Lambe-lambe.











QUE NÃO  
NOS FALTE  
NADA

NUNCA  
DESIS

# PREFÁCIO

O registro evidencia como os artistas extraíram uma enorme vitalidade de um lugar que nem veio a ser. A ocupação como que conta inúmeras outras histórias, latentes, virtuais, que a edificação poderia ter abrigado. Mas que acabaram atualizadas por esse transbordamento caótico de pulsões, imaginação, corpos, imagens, textos. Um fluxo que parece brotar das entranhas dessa arquitetura, desse esqueleto abandonado, do meio.

Um lugar que virou ruína antes mesmo de concluído, como o Hotel Palenque retratado por Robert Smithson, é talvez mais prenhe de possibilidades do que uma arquitetura acabada. Em vez de uma narrativa, ele contém potencialmente muitos itinerários, todas as vozes que foram liberadas pelas intervenções.

Essa bienal se localiza no centro do mundo. Irresistível esse lugar, o centro. Como diz Deleuze, "estar no meio, como o matos que cresce entre as pedras". A edificação impõe um embate com os elementos, o concreto, o muro sem reboco, o horizonte obstruído. Aqui, visualizar é tatear. A arte recupera a dimensão tátil que é própria do embate com a matéria. Como se o ato de ver acaba sempre pela experimentação tátil de um objeto erguido diante dele e que ele precise contornar. Há um encavalamento entre o visível e o tangível. O campo denso entre aquele que vê e a coisa que é vista é constitutivo de sua visibilidade. O olhar apalpa as coisas: estamos no mundo, um tecido cerrado como uma vegetação espessa. Enlace de cor, volume, rugosidade ou lisura, dureza ou moleza. A visão se faz do meio das coisas.

O artista pergunta qual é a cor do mundo. O mundo seria vermelho? Pois o vermelho, diz Merleau-Ponty, emerge de uma vermelhidão, em que o olhar desliza antes de o fixar. Sua forma remete a uma textura lanosa ou porosa. Este vermelho só é vermelho ao se conectar a outros vermelhos no seu entorno, com os quais constitui uma constelação. Ele é um nó na trama do simultâneo e do sucessivo. Pontuação no campo das coisas vermelhas, que compreende as telhas das casas, os vestidos das mulheres e a bandeira da Revolução.

Parabéns e um forte abraço a todos os que se aventuraram por entre as pedras.

NELSON BRISSAC

As fotografias selecionadas neste ensaio são fragmentos retirados de um catálogo de ocupação - registros realizados na “I Bienal do Centro do Mundo”, ocupação expositiva ocorrida no dia 7 de dezembro de 2019, na cidade de Campo Grande/MS. O edifício ocupado corresponde a uma obra pública inacabada e em estado de ruína, um projeto originalmente destinado a constituir o Centro Cultural de Belas Artes de Campo Grande e, provavelmente, o mais importante da região centro-oeste se tivesse sido finalizado.

Propusemos dar sentido ao seu estado de latência e abandono e a partir da ação artística de ocupar o edifício com nossos corpos e trabalhos, abrindo o convite a todos os habitantes da cidade que aceitassem o convite a construir outro sentido a um vazio urbano latente há quase vinte anos no centro da cidade. O acontecimento proporcionou uma ininterrupta e intensa variedade de manifestações realizadas por artistas, estudantes e visitantes durante todo o dia.

A estrutura gráfica e narrativa do catálogo busca um retorno ao acontecimento, multiplica através dos registros um ocupar que se estende para o olhar da leitora ou leitor. Espera-se que as fotografias e frases dispostas no espaço gráfico possam reativar experiências e construir outras, onde o ato de ocupar seja compreendido no seu sentido de responsabilidade social e artística.

Disponibilizamos a partir deste ensaio o acesso ao catálogo completo da ocupação “I Bienal do Centro do Mundo”. Nele reunimos as fotografias, memórias e narrativas de um espaço que convidam a acompanhar o processo desde a preparação do espaço, as reflexões e impressões dos participantes e a testemunhar a ação que habitou o edifício a partir de performances, lambes, grafites, instalações, projeções e música, entre outros meios. São 270 páginas que compartilham espaços e processos, as produções de mais de 70 artistas, a participação dos moradores da cidade e a insistência em entender a ação artística como resistência e exercício de cidadania.

Convidamos a caminhar conosco pelas ruínas do inacabado e a ecoar a vontade de ocupar aquilo que é direito de todos.

Link de acesso ao catálogo:

<https://bienaldodo.wixsite.com/coletivododo> (acesso em: 28 jan 2022).

Sobre o Coletivo DODO:

Fundado a partir do processo da ocupação "I Bienal do Centro do Mundo" (2019) na cidade de Campo Grande/MS, o coletivo conta com a presença de 7 integrantes:

Caroline Sousa de Carvalho: Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021)

Gabriel Tavares Rodrigues Brito: Graduado em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021) [gabrielbritoarte@gmail.com](mailto:gabrielbritoarte@gmail.com)

Gabriel Martins: Graduado em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2020)

Marina Costa B.: Graduanda em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Patricia Andrea Soto Osses: professora de Instalação e Performance do Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFU (Universidade Federal de Uberlândia, MG)

Julia Alves Lopes: Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021)

Victor Macaulin: Graduado em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021)

#### **Autoria das imagens:**

Todas as fotografias de autoria não assinalada: autoria coletiva - Acervo Coletivo DODO

#### **Lista de imagens:**

1 a 3 : Ruína do Centro De belas Artes de Campo Grande. Fotografias analógicas de Carol Carvalho.

4 a 7: preparação, limpeza e montagem da I Bienal do Centro do Mundo

8 e 9: Lukas Nakasato, 2019, s/ título, lambe.

10: Leonardo Mareco, 2019, "Elefante Branc", lambe.

11 e 12: público presente

13 a 17: Atlante e Nicole, sem título, 2019, performance.

18: Demetrio Ogata. "La ultima danza", 2019. Performance.

19: Instalação de lambe

20: Mariana Rocha. "Museu do Nada", 2019. Performance.

21 e 22: Glauber Portman, 2019, "Não alimente a bicha", performance.

23: Gabriel Martins, 2019. s/ título, Lambe-lambe.

24: Gabriel Brito, 2019. "Fragmento de minha casa", instalação.

25: Gabriel Brito, 2019. "Aquilo que quero e não quero lembrar", instalação.

26: Anônimo, Grafitti.

27-28: Algo+Ritmo (coletivo Arquitetura UFMS), 2019. Projeções.

29: Gruilherme Silva de Moraes, 2019. "Cheiro de Meri", performance.

30: Aline Teodoro, 2019. Vários, Mural de colagens.

31: Leticia Chermont, Graciele Simão, Pamela Pedroga e Verônica Camargo, 2019. "Bruxas do século XXI: A consciência das mulheres livres", performance. Fotografias por Marina Cozta.

32: Marina Cozta. "Ponta solta", 2019. 01'12".

33 e 34: Anônimo, Pichos

35: página de abertura do catálogo com o Prefácio escrito por Nelson Brissac

Recebido em: 22-02-2022

**Como citar:**

Coletivo DODO (2022). I Bienal do Centro do Mundo: O catálogo como permanência de uma ocupação. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.3, n.1, p.1-22, jan./jun. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-64848>

Esta versão está publicada em *Ahead of Print*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

